

White Bear: fazendo justiça com as próprias mãos¹

Ana Carolina Giannini Zimmermann²

Laura Rodrigues³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

O presente artigo propõe analisar a representação e a relação entre a mídia e a sociedade representadas em uma narrativa em forma de uma ficção distópica. Esse processo é composto entre o contexto de sociedade e o processo de midiaticização que cerca a sociedade contemporânea, tudo isso estando presente na narrativa da minissérie britânica *Black Mirror*, a partir da Teoria da Estruturação de Anthony Giddens que propõe a mídia como forma de interação ordenada em um espaço tempo, usando isso para entender as relações sociais no terreno da ação humana, verificando a dimensão social e simbólica de todo esse processo.

PALAVRAS-CHAVE: *Black Mirror*, midiaticização, justiça, representação, sociedade.

INTRODUÇÃO

Essa reflexão surge centralizando uma análise entre o discurso empregado dentro do processo de midiaticização cotidiana e as instituições sociais, encontrada na representação entre mídia e justiça no episódio *White Bear*, levando como parâmetro as perspectivas de Giddens (2003) e Braga (2006).

White Bear é o segundo episódio da segunda temporada da série britânica *Black Mirror* (Reino Unido, 2011), criada pelo jornalista Charlie Brooker. A série televisiva propõe uma abordagem de um lado mais crítico em relação a midiaticização das relações humanas, e, conseqüentemente das suas relações sociais, que vêm sendo transformadas através do

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação do 7º período do Curso de Jornalismo da Unicentro, e-mail: anacgivy@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 7º período do Curso de Jornalismo da Unicentro, e-mail: rodrigueslauram@gmail.com.

tempo pelo desenvolvimento tecnológico. A abordagem é, portanto, uma narrativa ficcional ainda distópica, que se subsidia em uma representação crítica de diversos fenômenos midiáticos, colocando o reflexo do uso e problematizando o excesso desse fator tecnológico no cotidiano. A atração criada pela jornalista Charlie Brooker é um produto que vem em uma tentativa de se aprofundar nos problemas da sociedade atual, contando através da ficção, o processo midiático encontrado na sociedade. Mesmo apresentando características distópicas, apresenta algo próximo ao real.

Segundo Charaudeau (2013) a televisão é o domínio entre o que é visual e do som, dessa junção nasce o produto que pode ser capaz de fabricar o imaginário do público, criando uma realidade em que o próprio meio que fabrica se insere, apropriando-se da língua e da sua organização, o que coloca a televisão não como produtor, mas como um construtor do sentido e em consequência, a construção do efeito da verdade.

1. MUDIATIZACÃO E DISCURSO

O objeto analisado neste trabalho, o episódio White Bear, tem sua narrativa construída a partir de uma representação entre a mídia e justiça, adotando o conceito de que a midiaticização não está mais apenas presente no modo como é formado a opinião pública, mas também na incorporação de outras instituições pela forma como representa a informação, ação e relações sociais através da comunicação, pode se amparar na teoria da estruturação apresentada por Anthony Giddens (2003), que defende que de certa forma toda a vida social é apresentada através de episódios, e as circunstâncias têm uma forma já pressuposta episódica, sendo possível apresentar proveitosos para a constituição social sem abstrair seu contexto de origem. Para mais segundo Giddens (1991), a incorporação da vida social, como abordado no objeto, consiste no fato de que as práticas sociais vêm sendo constantemente examinadas.

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. Temos que elucidar a natureza deste fenômeno. Todas as formas de vida social são parcialmente constituídas pelo conhecimento que os atores têm delas. (GIDDENS, 1991, p. 39)

A instituição de representação se ajusta em todas as culturas, visto que a prática social passa a ser mais abrangente rotineiramente depois de descobertas que passam a informá-

la, levando a uma reflexão de que a mediação consegue manter uma dependência entre a mídia e seus atores sociais, que tem a produção das ações e relações sempre relacionados, fechando as amarras do processo de mediação e discurso perante a formação da opinião pública. José Luiz Braga (2006) destaca a lógica da mediação como alguns processos principais, de referência, prevalecem sobre processos secundários, sendo que esses passam a funcionar de acordo com o processo central seguindo sua lógica, assim segundo a lógica da mediação o processo social de interação passa a abranger o que é secundário, que não desaparece, mas se ajustam.

É justamente o processo que pode ser redirecionado de acordo com o sistema, não anulando o discurso secundário, mas lhe redesenhando, por outra perspectiva, acaba tirando sua hegemonia mesmo que fiquem parecidos com o que já foram. Portanto os processos de interação podem abordar a perspectiva de uma dominação para a organização da realidade, sendo entendido como principal processo de direcionamento para a construção da realidade social.

Nessa perspectiva, a mediação não oferece apenas possibilidades Charepontuais de fazer coisas específicas que não eram feitas antes [...] O que parece relevante, em perspectivas macro-sociais, é a teoria de que a sociedade constrói a realidade social através de processos interacionais pelas quais os indivíduos e grupos e gestores da sociedade se relacionam. (BRAGA, 2006, p.11)

Todo o processo de construção da realidade social depende da construção de um discurso para o seu interesse social, dependendo de condições específicas. Ao viver em comunidade o indivíduo cria seus processos de interação e uma forma específica para as práticas em sociedade, a comunicação entre como parte desse processo, sendo, segundo Charadeau (2013), uma forma de valorizar a prática social e através do discurso conseguir através do processo comunicação/informação, firmar as normas e às estabelecer por meio das instâncias passadas por um complexo meio de construção da informação e do discurso midiático. Desse modo cada discurso de mídia é constituído num dispositivo que firmara sua condição, sendo cada dispositivo um meio diferente com características próprias que define o meio como a informação ou discurso midiático será transmitido.

2. NARRATIVA DO EPISÓDIO

White Bear, o segundo episódio da segunda temporada de *Black Mirror*, acompanha o dia de Victoria Skillane. A mesma acorda em uma casa, com sinais de amnésia. Não lembra-se de quem é ou de onde está, a casa parece ser abandonada, ninguém para a ajudar saber onde está.

O pesadelo começa quando a personagem tromba com um homem mascarado e fantasiado de um jeito simples, mas aterrorizante, ameaçando a vida da principal com uma espingarda e começa a persegui-la. Victoria foge do mascarado assassino, e assim, percebe que nas casas ao seu redor há pessoas também, moradores.

FIGURA 1



Momento em que Victoria sai da casa e se depara com os telespectadores a filmando de dentro de suas casas.

Porém essas mesmas pessoas não ajudam Victoria a fugir de seu perseguidor, muito pelo contrário, ficam assistindo a cena e gravando tudo com seus celulares. Ela continua a fugir desesperada, ainda confusa por não ter memória nenhuma de onde está e de quem é. As únicas coisas que constroem sua memória são pequenos flashbacks de uma criança, menina, da qual Victoria presume ser sua filha ou parente.

Após muito correr e desespero, Victoria encontra uma aliada que decide ajudá-la, pois ela ainda está ‘consciente’. Jem, a mulher que decide a ajudar, explica o que estava acontecendo na cidade. Um sinal estava controlando as pessoas, e aqueles que ainda não tinham sido afetados agiam de forma sadomasoquista com os demais - o grupo de mascarados que estavam perseguindo Victoria com armas e objetos cortantes.

Então o plano de Jem é ir até um ponto chamado ‘White Bear’, que é de onde o sinal que hipnotiza as pessoas está vindo. Para conseguir fazer com que as pessoas voltem a agir normalmente, Jem diz que elas precisam parar esse sinal que está afetando-as. Logo, elas começam uma jornada até o ponto de ‘White Bear’.

No caminho, as duas são capturadas por um dos moradores da cidade. Ele não é do grupo de assassinos mascarados, mas também faz caçadas com pessoas, espalhando armadilhas para serem pegas quando escapam, ou as oferecem para serem executadas por terceiros. A realidade de Victoria parece não ter para, trazendo mais suspense para a narrativa. Ela consegue escapar novamente, mas deixa Jem para trás, pois não conseguiu ajudá-la. Victoria decide então chegar até o ‘White Bear’ sozinha, para então, acabar com toda essa realidade deturpada em que estavam vivendo.

Durante o episódio, Victoria questiona os moradores da cidade, incrédula que ninguém está tentando ajudá-la com o grupo de assassinos que a persegue. Todos continuam a gravando através de seus celulares, como se tudo que ela estivesse passando na frente dele fosse um show - mais importante eles filmarem o acontecido, do que ajudar quem precisa

FIGURA 2



O local da onde supostamente o sinal, que hipnotizava as pessoas, estava sendo transmitido.

Ao chegar no ‘White Bear’, Victoria sente-se vitoriosa, depois de tanto sofrimento finalmente havia cumprido seu papel e tudo voltaria ao normal. Mas para sua surpresa, ao desativar o sinal, Victoria é exposta para a sua realidade, a realidade de um show. Victoria não entende o que está acontecendo e que tipo de situação ela está, pois nada faz sentido. Ela havia acabado com o sinal do ‘White Bear’ e agora todos estavam a linchando. Victoria é levada até um palco onde eles revelam sua história e porquê todos aqueles eventos estavam acontecendo.

A personagem havia ajudado no homicídio de uma criança, a mesma que Victoria via em suas memórias e achava ser sua filha. Sua sentença pela morte da menina era ser a atração principal deste parque, onde as pessoas pagavam para ver criminosos sofrerem e passarem por tortura. Todos os dias a memória de Victoria era apagada e então ela era exposta para mais visitantes do parque, que eram autorizados a gravar e tirar fotos do acontecido, mas nunca se aproximar da criminosa, pois ela poderia descobrir toda a trama, além de ser considerada perigosa.

FIGURA 3



Momento que é revelado o passado de Victoria, o homicídio e o porquê dela estar ali; seu parceiro, quem realmente cometeu o crime, morreu na prisão. Por isso, para obter justiça, foi criado o parque ‘White Bear’ para Victoria.

O apresentador explica o do porquê daquele parque e o seu nome. O urso branco era o bichinho de pelúcia da vítima de Victoria, e tornou-se um símbolo de resistência enquanto

a menina ainda estava desaparecida. O símbolo que Victoria via em todos os lugares (em branco na figura 3), também tem um significado. Era a tatuagem do namorado de Victoria, o que cometeu o crime, e ele foi identificado por causa dela.

Victoria passa pela “caminhada da vergonha” dentro de um veículo transparente, onde todas as pessoas que estavam a gravando pela cidade estão xingando e jogando objetos nela. Essa é a principal parte do show do parque, onde quem estava assistindo à tortura de Victoria o dia inteiro, mas sem poder criticá-la, agora estava livre para julgá-la como entendessem.

FIGURA 4



Imagem feita pelas telas dos celulares dos visitantes, durante o final do show, quando Victoria está voltando para sua “casa”

Ela volta então para a casa do começo do episódio, onde sua memória é apagada novamente com dispositivos de choque. Quando acorda no outro dia, não se lembra de quem é, de onde está e de quem a casa pertence, voltando ao seu ciclo de tortura.

Cenas pós-créditos:

Em uma mistura de créditos e cenas, é mostrado então como o parque ‘White Bear’ cria a realidade de Victoria, todo dia construindo o mesmo cenário de tortura da personagem principal. Nas cenas, eles mostram como os visitantes devem se comportar enquanto

“interagirem” com Victoria; o anfitrião fala que Victoria tem que ter a convicção de que eles não têm consciência do que estão fazendo, por isso não devem falar nem com ela nem entre eles. Falam para ter cuidado com ela, como se ela fosse um leão fugitivo, lembrando que ela era uma criminosa perigosa.

Os funcionários do parque montam ele novamente para o show; cada detalhe é pensado, desde o copo de água, as fotos colocadas nos porta-retratos, ou a posição de seus sapatos e moletom. Cada detalhe previamente pensado levará Victoria a seguir o caminho planejado pela equipe do parque, e todos os dias dá certo.

FIGURA 1.1



Pessoas entrando no parque ‘White Bear’, para participar da tortura feita com Victoria

3. A ESPETACULARIZAÇÃO DA JUSTIÇA COMO FORMA DE ENTRETENIMENTO

Um dos pontos que se destacam entre o modelo midiático, principalmente das grandes massas, é a forma que, por vezes, são tratadas através do sensacionalismo e pela espetacularização dos acontecimentos, segundo Debord (2012), o espetáculo é o modo total significante do emprego entre dimensões sociais e econômicas, formando através da sociedade um modelo de linguagem espetacular.

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é o que aparece é bom, o que é bom aparece. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva, que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (DEBORD, 2012, p. 17)

Tanto na prática do jornalismo quanto a produção do entretenimento são moldadas a mão pelo sensacionalismo na tentativa de torná-lo atraente para o consumo em massa. Ponto específico também, seguindo a lógica de produção social e cultural entre os meios de massa se lançam os códigos de orientações visando a dimensão econômica necessária, que por sua vez, irá amparar o alcance do seu consumidor que busca pela espetacularização.

Na forma indispensável adorno dos objetos hoje produzidos, na forma da exposição geral da racionalidade do sistema, e na forma do setor econômico avançado que modela diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a *principal produção* da sociedade atual. (DEBORD, 2012, p.18)

Em meio a essas práticas é que localizamos figuras presentes como reality shows, as colunas específicas para fofocas em revistas e programas televisivos destinados a esses assuntos, programas policiais, que conseguem ter programas que duram até horas veiculados em rádios, veículos impressos e nas emissoras de TV. Esse interesse formado pelo ser social pela violência e tragédia se transforma em uma curiosidade mórbida que acaba, por fim, estimulando a formação de algo que vai além da prática, muitas vezes considerada até antiética, do conceito midiático estabelecendo uma reformulação na exploração dos acontecimentos trágicos. Com a prática popularização da internet e das redes sociais, onde qualquer um pode registrar através de câmeras e por meio disso formar um discurso, o indivíduo acaba se colocando como a própria construção de um discurso midiático e dessa forma, portanto, desencadear situações e novos acontecimentos conseguindo ter um longo alcance em sua publicação. Um exemplar no Brasil é a forma como ocorreu o caso da jovem Eloá, em 2008^{1.4} Na época com 15 anos, a adolescente foi mantida em cárcere de privado, pelo seu então ex-namorado Lindemberg Fernandes, durante mais de 100 horas o país acompanhou o drama vivido pela vítima, com uma

⁴ Sobre o assunto ver o documentário *Quem matou Eloá?* de Livía Perez.

cobertura exploratória registrada por câmeras de veículos de comunicação de todo o país, inclusive com entrevistas ao vivo com o sequestrador durante o sequestro, terminando a situação de forma trágica.

A narrativa de *White Bear*, é construída através desse mesmo modo exemplificado, Charlie Brooker compõe o episódio com uma espécie de mística atrelada entre o poder judiciário e o poder midiático, em alguns momentos até fundindo os dois ‘poderes’. A personagem Victoria Skillane, julgada e condenada pela justiça por participar do crime de tortura e morte de uma criança de 6 anos, tem sua pena transformada em um modelo de entretenimento, em que a própria Victoria protagoniza um reality show de tortura psicológica. O crime causou comoção popular pela perversidade do casal, onde Skillane registrou com a câmera de seu celular os atos brutais executados por seu noivo, não dando qualquer indício de ir ao socorro da criança enquanto o ato ocorria. Isso transforma a pena de Skillane, pois o juiz responsável entende que a pena a ser cumprida por ela deve ser proporcional ao sofrimento que a mesma causou a vítima, ressaltando mais uma vez, ser apenas uma criança, o que, aos olhos do poder judiciário da narrativa justifica a proporção da pena aplicada cotidianamente à a prisioneira. A justificativa apresentada para a pena da acusada também abre uma discussão sobre a forma como a pena é aplicada, um elemento midiático presente, ainda que de forma sutil, é o espaço onde a aplicação diária da punição acontece, o lugar é construído pelo próprio sistema judiciário, sendo nomeado com nome do brinquedo da criança assassinada, o espetáculo é transmitido por um número incontável de câmeras que acompanham Victoria por todo o cenário. Esse espaço é visitado por espectadores variados, de diversas idades (inclusive crianças), que pagam por seus ingressos para poder acompanhar e filmar dia após dia o tormento aplicado a protagonista, que por sua vez tem suas lembranças apagadas ao final de cada show.

4. CONCLUSÃO

Um reality show que permite acompanhar ao vivo, seja de forma presencial, pela televisão ou web, a pena de uma condenada, *White Bear* usa a ficção para ilustrar a prática do justicamento. Tão comum no mundo atual, mas assustador em um cenário utópico onde a dinâmica de justiça e mídia é incorporada como meio de aplicar uma pena. É, portanto, palpável a percepção de como a mídia forma opiniões através das construções sociais. A

função do jornalismo vai muito além do informar com notícias objetivas e uma relação distante do caso, a mídia torna possível mudanças reais, sejam elas positivas ou negativas para os indivíduos. Segundo Charadeau (2013), a mídia tem um poder em que a mesma pode valorizar a prática social através de um discurso, apenas utilizando, no caso da narrativa que vem sendo analisada, de um processo de comunicação, possibilitando a afirmação de normas e estabelecendo uma complexa construção do discurso midiático que será aceito e replicado por todo o meio social. Mais uma vez atrelando a narrativa, pode-se encontrar uma relação quanto ao discurso do poder judiciário que foi aceito e replicado por todo um meio midiático massivo, possibilitando assim a aceitação por parte dos receptores em relação a pena imposta.

Outra afirmação concreta é a de que os meios digitais são um meio em potencial de disseminação e articulação de todo um meio social, aproximando a mídia tradicional (que por vezes impõe ares de glamour) do grande público em massa, proporcionando a criação de uma relação e preservação ao acesso do cotidiano que compõe diversas realidades. Isso pode ser uma relação de avanço entre as instituições sociais e a sociedade de fato ou de regressão, já que podem ser encontrados movimentos levados pela violência de todos os gêneros e espécie. Por fim, é possível concluir que as relações estão cada vez mais expostas, de forma voluntária, levando a uma crescente exposição e midiatização da vida atual, rendendo uma discussão sobre o dilema do que é ser social e como as relações sociais estão moldando a construção da identidade da ‘sociedade de massa’ da pós-modernidade, revelando formas e possibilidades para o uso da tecnologia espontaneamente.

5. REFERÊNCIAS

Audiovisual: White Bear. Direção: Carl Tibbetts. Produção: Barney Reisz. Intérpretes: Lenora Crichlow, Michael Smiley, Tuppence Middleton. Roteiro: Charlie Brooker. In: Black Mirror: the complete second series. Netflix, 2013. color.

Referências bibliográficas

BRAGA, José Luiz. **Mediatização como processo interacional de referência.** In. Animus: Revista Interamericana de comunicação midiática. **Sociedade Midiatizada p. 9 - 35.** Santa Maria, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1997.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991